

Apostila de Sociologia

1º ANO

3. Preconceito e discriminação

Prof. Renato Fialho

Aluna(o): _____

Turma: _____

"Esta tecnologia (da destruição) se alimenta do medo. É o medo que fabrica os inimigos que justificam o desperdício militar e policial. E em vias de implantar a pena de morte, que tal se condenamos à morte o medo? Não seria saudável acabar com essa ditadura universal dos assustadores profissionais? Os semeadores de pânico nos condenam à solidão, nos proíbem a solidariedade: salve-se quem puder, destruam-se uns aos outros, o próximo é sempre um perigo que se aproxima, olho, cuidado, esse cara vai te roubar, aquele vai te violar, este carrinho de nenê esconde bomba muçulmana e se essa mulher te olha, essa vizinha de aspecto inocente, certamente vai te contagiar com a gripe Suína". **(Eduardo Galeano)**

Curso básico de racismo e machismo

Os subordinados devem obediência eterna a seus superiores, assim como as mulheres devem obediência aos homens. Uns nascem para mandar, outros para obedecer.

O racismo, como o machismo, justifica-se pela herança genética: não são os pobres uns fodidos por culpa da história e sim por obra da biologia. Levam no sangue o seu destino e, pior, os cromossomos da inferioridade costumam misturar-se com as perversas sementes do crime. E quando se aproxima um pobre de pele escura, o perigômetro acende a luz vermelha. E dispara o alarme.

Os mitos, os ritos e os fitos

Nas Américas e também na Europa a polícia caça estereótipos, imputáveis do delito de trazer uma cara. Cada suspeito que não é branco confirma a regra escrita, com tinta invisível, nas profundidades da consciência coletiva: o crime é preto, talvez marrom ou, ao menos, amarelo.

Esta demonização ignora a experiência histórica do mundo. Ainda que se focalizem tão só os últimos cinco séculos, seria preciso reconhecer que não foram nada escassos os crimes de cor branca. No tempo do Renascimento, os brancos constituíam apenas a quinta parte da população mundial, mas já se diziam portadores da vontade divina. Em nome de Deus, exterminaram sabe-se lá quantos milhões de índios nas Américas e arrancaram sabe-se lá quantos milhões de negros da África. Brancos foram os reis, os vampiros de índios e os traficantes negreiros que fundaram a escravidão hereditária na América e na África, para que os filhos dos escravos nascessem escravos nas minas e nas plantações. Brancos foram os autores dos incontáveis atos de barbárie que a Civilização cometeu, nos séculos seguintes, para impor, a ferro e fogo, seu branco poder imperial sobre os quatro pontos cardeais do planeta. Brancos foram os chefes de estado e os chefes guerreiros que organizaram e executaram, com a ajuda dos japoneses, as duas guerras mundiais que, no século XX, mataram 64 milhões de pessoas, na maioria civis. E brancos foram os que planejaram e realizaram o holocausto dos judeus, que também incluiu vermelhos, ciganos e homossexuais, nos campos nazistas de extermínio.

A certeza de que alguns povos nascem para ser livres e outros para ser escravos guiou os passos de todos os impérios que existiram no mundo. Mas foi a partir do Renascimento e da conquista da América que o racismo se articulou como um sistema de absolvição moral a serviço da voracidade europeia. Desde então, o racismo impera: no mundo colonizado, deprecia as maiorias; no mundo colonizador, marginaliza as minorias. A era colonial precisou do racismo tanto quanto da pólvora, e de Roma os papas caluniavam Deus, atribuindo-lhe a ordem de arrasamento. O direito internacional nasceu para dar valor legal à invasão e

ao saque, ao mesmo tempo em que o racismo outorgava salvo-condutos às atrocidades militares e dava justificativas à impiedosa exploração dos povos e das terras submetidas.

A identidade

“Onde estão meus ancestrais? A quem devo celebrar? Onde encontrarei minha matéria-prima? Meu primeiro antepassado americano... foi um índio, um índio dos tempos primevos. Os antepassados de vocês o esfolaram vivo e eu sou seu órfão.”

(Mark Twain, que era branco, em The New York Times, 26 de dezembro de 1881)

Na América hispânica, um novo vocabulário ajudou a determinar o lugar de cada pessoa na escala social, segundo a degradação sofrida pela mistura de sangue. Mulato era, e é, o mestiço de branco com negro, numa óbvia alusão à mula, filha estéril do burro e da égua, enquanto muitos outros termos foram inventados para classificar as mil cores geradas pelas sucessivas mancebias de europeus, americanos e africanos no Novo Mundo. Nomes simples como *castizo*, *cuarterón*, *quinterón*, *morisco*, *cholo*, *albino*, *lobo*, *zambaigo*, *cambujo*, *albarazado*, *barcino*, *coyote*, *chamiso*, *zambo*, *jibaro*, *tresalbo*, *jarocho*, *lunarejo* e *rayado*, e também nomes compostos como *torna atrás*, *ahí te estás*, *tente en el aire* e *no te entiendo*, batizavam os frutos das saladas tropicais e definiam a maior ou menor gravidade da maldição hereditária.

De todos os nomes, “não te entendo” é o mais revelador. Desde aquilo que se costuma chamar descobrimento da América, temos cinco séculos de “não te entendo”. Cristóvão Colombo acreditou que os índios eram índios da Índia, que os cubanos habitavam a China e os haitianos o Japão. Seu irmão Bartolomeu inaugurou a pena de morte nas Américas, queimando vivos seis indígenas pelo delito de sacrilégio: os culpados tinham enterrado estampinhas católicas para que os novos deuses tornassem fecundas as colheitas. Quando os conquistadores chegaram às costas do leste do México, perguntaram: “Como se chama este lugar?” Os nativos responderam: “Não entendemos nada”, que na língua maia soava parecido com “yucatán”, e desde então aquela região se chama Yucatán. Quando os conquistadores se internaram até o coração da América do Sul, perguntaram: “Como se chama esta lagoa?” Os nativos contestaram: “A água, senhor?”, que na língua guarani soava parecido com “ypacarái”, e desde então se chama Ypacarái aquela lagoa nas cercanias de Assunção do Paraguai. Os índios sempre foram imberbes, mas em 1694, em seu Dictionnaire universel, Antoine Furetière os descreveu como “barbados e cobertos de pelos”, porque a tradição iconográfica europeia mandava que os selvagens fossem peludos como os macacos. Em 1774, o frade

doutrinador do povoado de San Andrés Itzapan, na Guatemala, descobriu que os índios não adoravam a Virgem Maria, mas a serpente esmagada sob seu pé, por ser a serpente uma velha amiga, divindade dos maias, e descobriu também que os índios veneravam a cruz porque a cruz tinha a forma do encontro da chuva com a terra. Ao mesmo tempo, na cidade alemã de Kronigsberg, o filósofo Immanuel Kant, que nunca tinha estado na América, sentenciou que os índios eram incapazes de civilização e estavam destinados ao extermínio. E de fato era nisso que os índios andavam ocupados, embora não por méritos próprios: não eram muitos os que tinham sobrevivido aos disparos do arcabuz e do canhão, aos ataques das bactérias e dos vírus desconhecidos na América e às jornadas sem fim de trabalho forçado nos campos e nas minas de ouro e prata. E muitos tinham sido condenados ao açoite, à fogueira ou à forca pelo pecado da idolatria: os incapazes de civilização viviam em comunhão com a natureza e acreditavam, como muitos de seus netos ainda acreditam, que sagrada é a terra e sagrado é tudo o que na terra anda ou da terra brota.

Para a cátedra de direito penal

Em 1986, um deputado mexicano visitou o presídio de Cerro Huego, em Chiapas. Ali encontrou um índio tzotzil que degolara seu pai e fora condenado a trinta anos de prisão. O deputado descobriu que, todo o santo meio-dia, o defunto pai trazia tortilhas e feijão para o filho encarcerado.

Aquele detento tzotzil fora interrogado e julgado em língua castelhada, que ele entendia pouco ou nada, e abaixo de pancada havia confessado ser o autor de um crime chamado parricídio.

E continuaram os equívocos, século após século. Na Argentina, no fim do século XIX, chamou-se conquista do deserto às campanhas militares que aniquilaram os índios do sul, embora a Patagônia, naquela época, estivesse menos deserta do que agora. Até pouco tempo atrás, o Registro Civil argentino não aceitava nomes indígenas, por serem estrangeiros. A antropóloga Catalina Buliubasich descobriu que o Registro Civil tinha resolvido documentar os índios não documentados do planalto de Salta, ao norte do país. Os nomes aborígenes tinham sido trocados por nomes tão pouco estrangeiros como Chevroleta, Ford, Veintisiete, Ocho, Trece, e até havia indígenas rebatizados com o nome de Domingo Faustino Sarmiento, assim completinho, em memória de um figurão que até sentia asco pela população nativa.

Hoje em dia, os índios são considerados um peso morto para a economia de países que, em grande medida, dependem de seus braços, e um lastro para a cultura do plástico que esses países têm por modelo.

Na Guatemala, um dos poucos países onde puderam recuperar-se da catástrofe demográfica, os índios sofrem de

maus-tratos como a mais marginalizada das minorias, embora constituam a maioria da população: os mestiços e os brancos, ou os que dizem ser brancos, se vestem e vivem, ou gostariam de se vestir ou viver, à moda de Miami, para não parecer índios, e enquanto isso milhares de estrangeiros vêm em peregrinação ao mercado de Chichicastenango, um dos baluartes da beleza no mundo, onde a arte indígena oferece seus tecidos de assombrosa imaginação criadora. O coronel Carlos Castillo Armas, que em 1954 usurpou o poder, sonhava em transformar a Guatemala numa Disneylândia. Para salvar os índios da ignorância e do atraso, o coronel se propôs a lhes “despertar o gosto estético”, como explicou num folheto de propaganda, “ensinando-lhes a tecer, a bordar e outros trabalhos”. A morte o surpreendeu no meio da tarefa.

Estás igual a um índio, ou fedes como um negro, dizem algumas mães aos filhos que não querem tomar banho, nos países de mais forte presença indígena ou negra. Mas os cronistas do antigo Reino das Índias registraram o assombro dos conquistadores diante da frequência com que os índios se banhavam, e desde então foram os índios, e mais tarde os escravos africanos, que tiveram a gentileza de transmitir aos demais latino-americanos seus hábitos de higiene.

A fé cristã desconfiava do banho, parecido com o pecado porque dava prazer. Na Espanha, nos tempos da Inquisição, quem se banhava com alguma frequência estava confessando sua heresia muçulmana e podia acabar seus dias na fogueira. Na Espanha de hoje, o árabe é árabe se veraneia em Marbella. O árabe pobre é apenas um mouro e, para os racistas, mouro hediondo. No entanto, como há de saber qualquer um que tenha visitado aquela festa da água que é a Alhambra de Granada, a cultura muçulmana é uma cultura da água desde os tempos em que a cultura cristã negava toda a água que não fosse de beber. Na verdade, o chuveiro se popularizou na Europa com grande atraso, mais ou menos ao mesmo tempo que a televisão.

Os indígenas são covardes e os negros assustadiços, mas eles sempre foram boa carne de canhão nas guerras de conquista, nas guerras da independência, nas guerras civis e nas guerras de fronteiras na América Latina. Índios eram os soldados que os espanhóis usaram para massacrar índios na época da conquista. No século XIX, a guerra da independência foi uma hecatombe para os negros argentinos, sempre colocados na primeira linha de fogo. Na guerra contra o Paraguai, os cadáveres dos negros brasileiros juncaram os campos de batalha. Os índios formavam as tropas do Peru e da Bolívia na guerra contra o Chile: “essa raça abjeta e degradada”, como a chamava o escritor peruano Ricardo Palma, foi enviada ao matadouro, enquanto os oficiais fugiam gritando Viva a pátria! Em tempos recentes, índios foram os mortos na guerra entre Equador e Peru; e só havia soldados índios nos exércitos que arrasaram as comunidades índias nas montanhas da Guatemala: os oficiais, mestiços, cumpriam em cada crime

uma feroz cerimônia de exorcismo contra a metade de seu próprio sangue.

A deusa

Na noite de Iemanjá, toda a costa é uma festa. Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e outros litorais celebram a deusa do mar. A multidão acende na areia um esplendor de velas e lança às águas um jardim de flores brancas e também perfumes, colares, tortas, caramelos e outros coquetarias e guloseimas que agradam à deusa.

Os crentes, então, fazem um pedido: o mapa do tesouro escondido, a chave do amor proibido, o reencontro dos perdidos, a ressurreição dos queridos.

Enquanto os crentes pedem, seus desejos se realizam. Talvez o milagre não dure mais do que as palavras que o nomeiam, mas, enquanto ocorre essa fugaz conquista do impossível, os crentes são luminosos e brilham na noite.

Quando as ondas levam as oferendas, eles retrocedem, sempre olhando o horizonte para não dar as costas à deusa. E, a passos vagarosos, regressam à cidade.

Trabalha como um negro, dizem aqueles que também dizem que os negros são vadios. Diz-se: o branco corre, o negro foge. O branco que corre é homem roubado, o negro que foge é ladrão. Até Martín Fierro, o personagem que encarnou os gaúchos pobres e perseguidos, opinava que os negros eram ladrões, feitos pelo Diabo para servir de tição no inferno. E também os índios: El indio es indio y no quiere /apiar de su condición /ha nacido indio ladrón / y como indio ladrón muere. Negro ladrão, índio ladrão: a tradição do equívoco manda que os ladrões sejam os mais roubados.

O inferno

Nos tempos coloniais, Palenque foi o santuário de liberdade que, selva adentro, escondia os escravos negros fugitivos de Cartagena das Índias e das plantações da costa colombiana.

Passaram-se os anos, os séculos. Palenque sobreviveu. Os palenqueiros continuam acreditando que a terra, sua terra, é um corpo, feito de montes, selvas, ares, gentes, que respira pelas árvores e chora pelos arroios. E também seguem acreditando que, no paraíso, são recompensados aqueles que desfrutaram a vida, e no inferno são castigados aqueles que não obedeceram a ordem divina: no inferno ardem, condenados ao fogo eterno, as mulheres frias e os homens frios, que desobedeceram as sagradas vozes que mandam viver com alegria e com paixão.

Desde os tempos da conquista e da escravidão, aos índios e aos negros foram roubados os braços e as terras, a força de trabalho e a riqueza; e também a palavra e a memória.

No Rio da Prata, quilombo significa bordel, caos, desordem, degradação, mas esta expressão africana, no idioma banto, quer dizer campo de iniciação. No Brasil, quilombos foram os espaços de liberdade fundados selva adentro pelos escravos fugitivos. Alguns desses santuários resistiram durante muito tempo. Um século inteiro durou o reino livre de Palmares, no interior de Alagoas, que resistiu a mais de trinta expedições militares dos exércitos da Holanda e de Portugal. A história real da conquista e da colonização das Américas é uma história da dignidade incessante. Não houve nenhum dia sem rebelião em todos os anos daqueles séculos, mas a história oficial apagou quase todas essas revoltas, com o desprezo que merecem os atos de má conduta da mão de obra. Afinal, quando os negros e os índios se negavam a aceitar a escravidão e o trabalho forçado como destino, estavam cometendo delitos de subversão contra a organização do universo. Entre a ameba e Deus, a ordem universal se organiza numa longa cadeia de subordinações sucessivas. Assim como os planetas giram em torno do sol, devem girar os servos ao redor dos senhores. A desigualdade social e a discriminação racial integram a harmonia do cosmo desde os tempos coloniais. E assim continua sendo, e não só nas Américas. Em 1995, Pietro Ingrao fazia tal constatação na Itália: "Tenho uma empregada filipina em casa. Que estranho. É difícil aceitar a ideia de que uma família filipina tenha em sua casa uma empregada branca".

Nunca faltaram pensadores capazes de elevar à categoria científica os preconceitos da classe dominante, mas o século XIX foi pródigo na Europa. O filósofo Auguste Comte, um dos fundadores da sociologia moderna, acreditava na superioridade da raça branca e na perpétua infância da mulher. Como quase todos os seus colegas, Comte não tinha dúvidas sobre este princípio universal: são brancos os homens aptos a exercer o mando sobre os condenados às posições subalternas.

Cesare Lombroso tornou o racismo uma questão policial. Este professor italiano, que era judeu, quis demonstrar a periculosidade dos selvagens primitivos através de um método muito semelhante ao que Hitler utilizou, meio século depois, para justificar o antissemitismo. Segundo Lombroso, os delinquentes nasciam delinquentes, e os sinais de animalidade que os denunciavam eram os mesmos sinais peculiares aos negros africanos e aos índios americanos descendentes da raça mongoloide. Os homicidas tinham pômulos largos, cabelo crespo e escuro, pouca barba, grandes caninos; os ladrões tinham nariz achatado; os violadores, pálpebras e lábios grossos. Como os selvagens, os criminosos não ruborizavam, o que lhes permitia mentir descaradamente. As mulheres, sim, ruborizavam, mas Lombroso descobriu que "até as mulheres consideradas normais têm sinais criminaloides". Também os revolucionários: "Nunca vi um anarquista de rosto simétrico".

Os heróis e os malditos

Dentro de alguns atletas habita uma multidão. Nos anos 40, quando os negros norte-americanos não podiam partilhar com os brancos nem mesmo o cemitério, Jack Robinson se impôs no beisebol. Milhões de negros pisoteados recuperaram sua dignidade através desse atleta que, como nenhum outro, brilhava num esporte que era exclusivo dos brancos. O público o insultava, atirava-lhe amendoim, os rivais cuspiam nele e, em casa, Robinson recebia ameaças de morte.

Em 1994, enquanto o mundo aclamava Nelson Mandela e sua longa luta contra o racismo, o atleta Josiah Thugwane se tornava o primeiro negro sul-africano a vencer numa olimpíada. Nos últimos anos, passou a ser normal que troféus olímpicos sejam conquistados por atletas de países como Quênia, Etiópia, Somália, Burundi ou África do Sul. Tiger Woods, chamado o Mozart do golfe, vem triunfando num esporte de brancos ricos. E já faz muitos anos que são negros os astros do basquete e do boxe. São negros, ou mulatos, os jogadores que mais alegria e beleza dão ao futebol.

Segundo o duplice discurso racista, é perfeitamente possível aplaudir os negros de sucesso e maldizer os demais. Na Copa do Mundo de 1998, vencida pela França, eram imigrantes quase todos os jogadores que vestiam a camisa azul e iniciavam as partidas ao som da Marselhesa. Uma pesquisa realizada na época confirmou que, de cada dez franceses, quatro têm preconceitos raciais, mas todos os franceses comemoraram o triunfo como se os negros e os árabes fossem filhos de Joana d'Arc.

Herbert Spencer situava no império da razão as desigualdades que, hoje em dia, são leis do mercado. Embora passado mais de um século, algumas de suas certezas parecem atuais em nossa era neoliberal. Segundo Spencer, o Estado devia colocar-se entre parênteses, para não interferir nos processos de seleção natural que dão o poder aos homens mais fortes e mais bem-dotados. A proteção social só servia para aumentar o enxame de desocupados e a escola pública procriava descontentes. O estado devia limitar-se a instruir as raças inferiores em ofícios manuais e a mantê-las longe do álcool.

Como costuma ocorrer com a polícia em suas batidas, o racismo encontra o que ele mesmo põe. Até os primeiros anos do século XX ainda estava na moda pesar cérebros para medir a inteligência. Esse método científico, sobre proporcionar obscena exibição de massas encefálicas, demonstrou que os índios, os negros e as mulheres tinham cérebros bem menos pesadinhos. Gabriel René Moreno, a grande figura intelectual do século passado na Bolívia, já havia constatado, balança na mão, que o cérebro indígena e o cérebro mestiço pesavam entre cinco, sete e dez onças menos do que o cérebro de raça branca. Na relação com a inteligência, o peso do cérebro tem a mesma importância

que o tamanho do pênis na relação com o desempenho sexual, ou seja: nenhuma.

Mas os homens da ciência andavam à caça de crânios famosos e não se abatiam, apesar dos resultados desconcertantes de suas operações. O cérebro de Anatole France, por exemplo, pesou a metade do que pesou o de Ivan Turgueniev, embora os méritos literários de ambos fossem considerados parelhos...

Nomes

O maratonista Doroteo Guamuch, índio quíchnua, foi o atleta mais importante de toda a história da Guatemala. Por ser uma glória nacional, teve de abrir mão do nome maia e passou a chamar-se Mateo Flores.

Em homenagem às suas proezas, foi batizado com o nome de Mateo Flores o maior estádio de futebol do país, enquanto ele ganhava a vida como caddy, carregando tacos e recolhendo bolinhas nos campos do Mayan Golf Club.

Há um século, Alfred Binet inventou em Paris o primeiro teste de coeficiente intelectual, com o saudável propósito de identificar as crianças que, nas escolas, precisassem de maior auxílio do professor. O próprio inventor foi o primeiro a advertir que tal instrumento não servia para medir a inteligência, que não pode ser medida, e que não devia ser usado para desqualificar ninguém.

Mas, já em 1913, as autoridades norte-americanas impuseram o teste de Binet às portas de Nova York bem perto da Estátua da Liberdade, aos recém-chegados imigrantes judeus, húngaros, italianos e russos, concluindo que, em cada dez imigrantes, oito tinham uma mente infantil. Três anos depois, as autoridades bolivianas aplicaram o mesmo teste nas escolas públicas de Potosí: oito de cada dez crianças eram anormais. E desde então, até nossos dias, o desprezo racial e social continua invocando o valor científico das aferições do coeficiente intelectual, que tratam as pessoas como se fossem números. Em 1994, o livro *The bell curve* teve um espetacular sucesso de vendas nos Estados Unidos. A obra, escrita por dois professores universitários, proclamava sem papas na língua o que muitos pensam, mas não se atrevem a dizer, ou dizem em voz baixa: os negros e os pobres tem um coeficiente intelectual inevitavelmente menor do que os brancos e os ricos, por herança genética, e portanto o dinheiro empregado em sua educação e em assistência social é dinheiro jogado pela janela. Os pobres, e sobretudo os pobres de pele negra, são burros, e não são burros porque são pobres, mas pobres porque são burros.

O racismo só reconhece a força de evidência de seus próprios preconceitos. Está provado que, para os pintores e escultores mais famosos do século XX, a arte africana foi fonte primordial de inspiração e muitas vezes objeto de plágio descarado. Também parece indubitável que os ritmos

de origem africana estão salvando o mundo de morrer de tristeza ou de tédio. O que seria de nós sem a música que veio da África e gerou novas magias no Brasil, nos Estados Unidos e nas costas do Mar do Caribe? No entanto, para Jorge Luis Borges, para Arnold Toynbee e para muitos outros importantes intelectuais contemporâneos, era evidente a esterilidade cultural dos negros.

Nas Américas, a cultura real é filha de várias mães. Nossa identidade, que é múltipla, realiza sua vitalidade criadora a partir da fecunda contradição das partes que a integram. Mas temos sido adestrados para não nos enxergarmos. O racismo, que é mutilador, impede que a condição humana resplandeça plenamente com todas as suas cores. A América continua doente de racismo: de norte a sul, continua cega de si mesma. Nós, os latino-americanos da minha geração, fomos educados por Hollywood. Os índios eram uns tipos de catadura amargurada, emplumados e pintados, mareados de tanto dar voltas ao redor das diligências. Da África, só sabemos o que nos ensinou o professor Tarzan, inventado por um romancista que nunca esteve lá.

Justiça

Em 1997, um automóvel de placa oficial trafegava em velocidade normal por uma avenida de São Paulo. No carro, que era novo e caro, iam três homens. Num cruzamento, um policial mandou o carro parar. Fez com que os três desembarcassem e os manteve durante uma hora de mãos para cima, e de costas, enquanto os interrogava insistentemente, querendo saber onde tinham furtado o veículo.

Os três homens eram negros. Um deles, Edivaldo Brito, era o Secretário de Justiça do governo de São Paulo. Os outros dois eram funcionários da Secretaria. Para Brito, aquilo não era uma novidade. Em menos de um ano, já lhe acontecera cinco vezes a mesma coisa.

O policial que os deteve também era negro.

As culturas de origem não europeia não são culturas, mas ignorâncias, úteis, no melhor dos casos, para comprovar a impotência das raças inferiores, atrair turistas e dar a nota típica nas festas de fim de curso ou nas datas pátrias. Na verdade, a raiz indígena ou a raiz africana, e em alguns países as duas ao mesmo tempo, florescem com tanta força como a raiz europeia nos jardins da cultura mestiça. São evidentes seus frutos prodigiosos, nas artes de alto prestígio e também nas artes que o desprezo chama de artesanato, nas culturas reduzidas ao folclore e nas religiões depreciadas como superstição. Essas raízes, ignoradas mas não ignorantes, nutrem a vida cotidiana de gente de carne e osso, embora muitas vezes as pessoas não saibam ou prefiram não saber, e estão vivas nas linguagens que a cada dia revelam o que somos através do que falamos e do que calamos, em nossas maneiras de comer e de cozinhar o

que comemos, nas músicas que dançamos, nos jogos que jogamos e nos mil e um rituais, secretos ou compartilhados, que nos ajudam a viver.

Durante séculos estiveram proibidas as divindades oriundas do passado americano e das costas da África. Hoje em dia já não vivem na clandestinidade e embora sejam ainda objeto de desprezo, usualmente são louvadas por numerosos brancos e mestiços que acreditam nelas, ou ao menos as invocam e lhes pedem favores. Nos países andinos, já não são só os índios que viram o copo e deixam cair o primeiro gole para que o beba Pachamama, a deusa da terra. Nas ilhas do Caribe e nas costas atlânticas da América do Sul, já não são só os negros que oferecem flores e guloseimas a Iemanjá, a deusa do mar. Ficaram para trás os tempos em que os deuses negros e indígenas precisavam disfarçar-se de santos cristãos para existir. Já não sofrem perseguições ou castigos, mas são vistos com desdém pela cultura oficial. Em nossas sociedades, alienadas, adestradas durante séculos para cuspir no espelho, não é fácil aceitar que as religiões originárias da América e as que vieram da África nos navios negreiros mereçam tanto respeito quanto as religiões cristãs dominantes. Não mais, mas nem um pouquinho menos. Religiões? Religiões, esses engodos? Essas exaltações pagãs da natureza, essas perigosas celebrações da paixão humana? Podem parecer pitorescas e até simpáticas na forma, mas, no fundo, são meras expressões da ignorância e do atraso.

Há uma longa tradição de identificação das pessoas de pele escura, e de seus símbolos de identidade, com a ignorância e com o atraso. Para abrir o caminho do progresso na República Dominicana, o generalíssimo Leónidas Trujillo mandou esquarterar a facção, em 1937, 25 mil negros haitianos. O generalíssimo, mulato, neto de avó haitiana, branqueava o rosto com pó de arroz e ambicionava branquear o país. A título de indenização, a República Dominicana pagou 29 dólares por morto ao governo do Haiti. Ao fim de prolongadas negociações, Trujillo admitiu dezoito mil mortos, elevando a soma total para 522 mil dólares.

Enquanto isso, longe dali, Adolf Hitler estava esterilizando os ciganos e os mulatos filhos de soldados negros do Senegal, que anos antes tinham vindo para a Alemanha com uniforme francês. O plano nazista de limpeza da raça ariana havia começado com a esterilização dos doentes hereditários e dos criminosos, e continuou, depois, com os judeus.

A primeira lei de eugenia foi aprovada, em 1901, no estado norte-americano de Indiana. Três décadas mais tarde, já eram trinta os estados norte-americanos onde a lei permitia a esterilização dos deficientes mentais, dos assassinos perigosos, dos estupradores e dos membros de categorias tão nebulosas como “os pervertidos sociais”, “os aficionados do álcool e das drogas” e “as pessoas doentes e degeneradas”. Em sua maioria, por certo, os esterilizados

eram negros. Na Europa, a Alemanha não foi o único país que teve leis inspiradas em razões de higiene social e de pureza racial. Houve outros. Por exemplo: na Suécia, fontes oficiais há pouco reconheceram que mais de sessenta mil pessoas tinham sido esterilizadas com base numa lei dos anos 30 que só foi derogada em 1976.

Pontos de vista/4

Do ponto de vista do oriente do mundo, o dia do ocidente é noite.

Na Índia, quem está de luto se veste de branco.

Na Europa antiga, o negro, cor da terra fértil, era a cor da vida, e o branco, cor dos ossos, era a cor da morte.

Segundo os velhos sábios da região colombiana do Chocó, Adão e Eva eram negros e negros eram seus filhos Caim e Abel. Quando Caim matou seu irmão com uma bordoadá, trovejaram as iras de Deus. Diante da fúria do Senhor, o assassino empalideceu de culpa e medo, e tanto empalideceu que branco se tornou até o fim dos seus dias. Os brancos somos, todos nós, filhos de Caim.

Nos anos 20 e 30 era normal que os educadores mais conceituados das Américas mencionassem a necessidade de regenerar a raça, melhorar a espécie, mudar a qualidade biológica das crianças. Ao inaugurar o sexto Congresso Pan-Americano da Criança, em 1930, o ditador peruano Augusto Leguía deu ênfase ao melhoramento étnico, fazendo eco à Conferência Nacional sobre a Criança do Peru, que lançara um alarme a respeito da “infância retardada, degenerada e criminosa”. Seis anos antes, no Congresso Pan-Americano da Criança celebrado no Chile, tinham sido numerosas as vozes que exigiam “selecionar as sementes que se semeiam, para evitar crianças impuras”, enquanto o jornal argentino *La Nación*, em editorial, falava na necessidade de “zelar pelo futuro da raça”, e o jornal chileno *El Mercurio* advertia que a herança indígena “difícil, por seus hábitos e ignorância, a adoção de certos costumes e conceitos modernos”.

Um dos protagonistas desse congresso no Chile, o médico socialista José Ingenieros, escrevera em 1905 que os negros, “abjeta escória”, mereciam a escravidão por motivos “de realidade puramente biológica”. Os direitos do homem não podiam vigor para “estes seres simiescos, que parecem mais próximos dos macacos antropóides do que dos brancos civilizados”. Segundo Ingenieros, mestre da juventude, “estas amostras de carne humana” tampouco deviam ambicionar a cidadania, “porque não podiam se considerar pessoas no conceito jurídico”. Em termos menos insolentes, anos antes, expressara-se outro médico, Raymundo Nina Rodrigues: este pioneiro da antropologia brasileira comprovava que “o estudo das raças inferiores tem fornecido à ciência exemplos bem observados dessa incapacidade orgânica, cerebral”.

Assim se prova que os índios são inferiores

(Segundo os conquistadores dos séculos dezesseis e dezessete)

Suicidam-se os índios das ilhas do Mar do Caribe? Porque são vadios e não querem trabalhar.

Andam desnudos, como se o corpo todo fosse a cara? Porque os selvagens não têm pudor.

Ignoram o direito de propriedade, tudo compartilham e não têm ambição de riqueza? Porque são mais parentes do macaco do que do homem.

Banham-se com suspeitosa frequência? Porque se parecem com os hereges da seita de Maomé, que com Justiça ardem nas fogueiras da Inquisição.

Acreditam nos sonhos e lhes obedecem as vozes? Por influência de Satã ou por crassa ignorância.

É livre o homossexualismo? A virgindade não tem importância alguma? Porque são promíscuos e vivem na antessala do inferno.

Jamais batem nas crianças e as deixam viver livremente? Porque são incapazes de castigar e de ensinar.

Comem quando têm fome e não quando é hora de comer? Porque são incapazes de dominar seus instintos.

Adoram a natureza, considerando-a mãe, e acreditam que ela é sagrada? Porque são incapazes de ter religião e só podem professar a idolatria.

A maioria dos intelectuais das Américas tinha certeza de que as raças inferiores bloqueavam o caminho do progresso. O mesmo opinavam quase todos os governos: no sul dos Estados Unidos, eram proibidos os casamentos mistos, e os negros não podiam entrar nas escolas, nos banheiros e tampouco nos cemitérios reservados aos brancos. Os negros da Costa Rica não podiam entrar na cidade de San José sem salvo-conduto. Nenhum negro podia cruzar a fronteira de El Salvador, e aos índios era vedado andar pelas calçadas da cidade mexicana de San Cristóbal de Las Casas.

É certo que na América Latina não houve leis de eugenia, talvez porque, na época, a fome e a polícia se encarregaram do assunto. Atualmente, continuam morrendo como moscas, de fome ou de doenças curáveis, as crianças indígenas da Guatemala, da Bolívia e do Peru, e são negros oito de cada dez meninos de rua assassinados pelos esquadrões da morte nas cidades do Brasil. A última lei norte-americana de eugenia foi derogada na Virgínia, em 1972, mas nos Estados Unidos a mortalidade dos bebês negros é duas vezes maior do que a dos brancos, e são negros quatro de

cada dez adultos executados na cadeira elétrica, ou por injeção, comprimidos, fuzilamento ou forca.

Assim se prova que os negros são inferiores
(Segundo os pensadores dos séculos dezoito e dezenove)

Barão de Montesquieu, pai da democracia moderna: É impensável que Deus, que é sábio, tenha posto uma alma, sobretudo uma alma boa, num corpo negro.

Karl von Linneo, classificador de plantas e animais: O negro é vagabundo, preguiçoso, negligente, indolente e de costumes dissolutos.

David Hume, entendido em entendimento humano: O negro pode desenvolver certas habilidades próprias das pessoas, assim como o papagaio consegue articular certas palavras.

Etienne Serres, sábio em anatomia: Os negros estão condenados ao primitivismo porque têm pouca distância entre o umbigo e o pênis.

Francis Galton, pai da eugenia, método científico para impedir a propagação dos ineptos: Assim como um crocodilo jamais poderá chegar a ser uma gazela, um negro jamais poderá chegar a ser um membro da classe média.

Louis Agassiz, eminente zoólogo: O cérebro de um negro adulto equivale ao de um feto branco de sete meses: o desenvolvimento do cérebro é bloqueado porque o crânio do negro se fecha muito antes do que o crânio do branco.

Ao tempo da Segunda Guerra Mundial, muitos negros norte-americanos morreram nos campos de batalha da Europa. Enquanto isso, a Cruz Vermelha dos Estados Unidos proibia o uso de sangue dos negros nos bancos de sangue, para que não se materializasse, pela transfusão, a mistura de sangue proibida na cama. O pânico da contaminação, que se expressou em algumas maravilhas literárias de William Faulkner e em numerosos horrores dos encapuçados da Ku Klux Klan, é um fantasma que ainda não desapareceu dos pesadelos norte-americanos. Ninguém poderia negar as conquistas dos movimentos pelos direitos civis, que nas últimas décadas tiveram êxitos espetaculares contra os costumes racistas da nação. Melhorou muito a situação dos negros. No entanto, padecem o dobro de desemprego em relação aos brancos e frequentam mais as prisões do que as universidades. De cada quatro negros norte-americanos, um já passou pela prisão ou nela está. Na capital, Washington, três de cada quatro já estiveram presos ao menos uma vez. Em Los Angeles, os negros que conduzem automóveis caros são sistematicamente detidos pela polícia, que em regra os humilha e, não raro, bate neles, como ocorreu com Rodney King, caso que em 1991 desencadeou uma explosão de fúria coletiva, fazendo a cidade tremer. Em 1995, o embaixador norte-americano na Argentina, James Cheek, criticou a lei nacional de patentes, um tímido gesto de independência, declarando: "É digna do Burundi". E

ninguém moveu uma palha, nem na Argentina, nem nos Estados Unidos, nem no Burundi. Diga-se de passagem que, na época, havia guerra no Burundi e também na Iugoslávia. Segundo as agências internacionais de informação, no Burundi se enfrentavam tribos, mas na Iugoslávia eram etnias, nacionalidades ou grupos religiosos.

Há duzentos anos, o cientista alemão Alexander von Humboldt, que soube ver a realidade hispano-americana, escreveu que "a pele menos ou mais branca determina a classe a que pertence o homem na sociedade". Esta frase continua retratando não só a América hispânica, mas todas as Américas, de norte e a sul, apesar das indelévels mudanças ocorridas e ainda que a Bolívia tenha tido, recentemente, um vice-presidente índio, e que os Estados Unidos possam ostentar algum general negro condecorado, alguns importantes políticos negros e alguns negros que triunfaram no mundo dos negócios.

No fim do século XVIII, os poucos mulatos latino-americanos que tinham enriquecido podiam comprar certificados de branquidão da coroa espanhola e cartas de branquidão da coroa portuguesa, e a súbita mudança de pele lhes outorgava os direitos correspondentes a tal ascensão social. Nos séculos seguintes, o dinheiro continuou sendo capaz, nalguns casos, de semelhante alquimia. Por exceção, também o talento: o brasileiro Machado de Assis, o maior escritor latino-americano do século XIX, era mulato e, segundo dizia seu compatriota Joaquim Nabuco, transformara-se em branco por obra de sua mestria literária. Mas, em termos gerais, pode-se dizer que, nas Américas, a chamada democracia racial é uma pirâmide social. E a cúspide rica é branca ou pensa que é branca.

No Canadá ocorre com os indígenas algo muito parecido com o que ocorre com os negros nos Estados Unidos: não são mais do que cinco por cento da população, mas, de cada dez presos, três são índios, e a mortalidade dos bebês é o dobro da dos brancos. No México, os salários da população indígena chegam apenas à metade da média nacional, e a desnutrição ao dobro. É raro encontrar brasileiros de pele negra na universidade, nas telenovelas ou nos anúncios publicitários. Nas estatísticas oficiais do Brasil há muito menos negros do que em realidade os há, e os devotos das religiões africanas figuram como católicos. Na República Dominicana, onde mal ou bem não há quem não tenha antepassados negros, os documentos de identidade registram a cor da pele, mas a palavra negro não aparece nunca:

- Não ponho "negro" para não desgraçar o infeliz para o resto da vida -disse-me um funcionário.

A fronteira dominicana com o Haiti, país de negros, chama-se O mau passo. Em toda a América Latina, os anúncios de jornal que pedem candidatos de boa presença estão pedindo, em realidade, candidatos de pele clara. Há um advogado negro em Lima: os juizes sempre o confundem

com o réu. Em 1996, o prefeito de São Paulo obrigou por decreto, sob pena de multa, que todos pudessem usar os elevadores dos edifícios particulares, habitualmente vedados aos pobres, ou seja, aos negros e aos mulatos de cor acentuada. No fim desse mesmo ano, às vésperas do Natal, a catedral de Salta, no norte argentino, ficou sem presépio. As figuras sagradas tinham traços e roupas indígenas: eram índios os pastores e os reis magos, a Virgem e São José e até o Jesusinho recém-nascido. Tamanho sacrilégio não podia durar. Diante da indignação da alta sociedade local e as ameaças de incêndio, o presépio foi desmanchado.

Já nos tempos da conquista, era tido como certo que os índios estavam condenados à servidão nesta vida e ao inferno na outra. Sobravam evidências do reinado de Satã na América. Entre as provas mais irrefutáveis estava o fato de que o homossexualismo era praticado livremente nas costas do Mar do Caribe e outras regiões. Desde 1446, por ordem do rei Afonso V, os homossexuais iam para a fogueira: “Mandamos e pomos por lei geral que todo homem que tal pecado fizer, por qualquer guisa que possa ser, seja queimado e feito pelo fogo em pó, por tal que nunca de seu corpo e sepultura possa ser ouvida memória”.

Em 1497, também Isabel e Fernando, os reis católicos da Espanha, mandaram que fossem queimados vivos os culpados do nefando crime da sodomia, que até então morriam a pedradas ou pendurados na forca. Os guerreiros que conquistaram a América deram algumas contribuições dignas de consideração à tecnologia das mortes exemplares. Em 1513, dois dias antes daquilo que chamam descobrimento do Oceano Pacífico, o capitão Vasco Núñez de Balboa aperreou cinquenta índios que ofendiam a Deus praticando abominável pecado contra natura. Em vez de queimá-los vivos, lançou-os a cães viciados em devorar carne humana. O espetáculo teve lugar no Panamá, à luz das fogueiras. O cão de Balboa, Leoncico, que recebia soldo de alferes, destacou-se entre os demais com sua mestria na arte de destripar.

Quase cinco séculos depois, em maio de 1997, na pequena cidade brasileira de São Gonçalo do Amarante, um homem matou quinze pessoas e se suicidou com um tiro no peito, porque na cidade andavam comentando que ele era homossexual. A ordem que impera no mundo desde a conquista da América não teve jamais a intenção de socializar os bens terrenos, que Deus nos livre e guarde, mas, em troca, dedicou-se fervorosamente a universalizar as mais desprezíveis fobias da tradição bíblica.

Em nosso tempo, o movimento gay ganhou amplos espaços de liberdade e respeito, sobretudo nos países do norte do mundo, mas ainda perduram muitas teias de aranha para sujar nossos olhos. Ainda há muita gente que vê no homossexualismo uma culpa sem expiação, um estigma indelével e contagioso, ou um convite à perdição que tenta os inocentes: os pecadores, doentes ou delinquentes

dependendo de quem os julga, constituem, em qualquer caso, um perigo público. Numerosos homossexuais foram e continuam sendo vítimas dos grupos de limpeza social que operam na Colômbia e dos esquadrões da morte no Brasil, ou de qualquer dos tantos energúmenos de uniforme policial ou traje civil que, no mundo inteiro, exorcizam seus demônios espancando o próximo ou peneirando-o a punhaladas ou balaços. Segundo o antropólogo Luiz Mott, do Grupo Gay da Bahia, não menos do que 1800 homossexuais foram assassinados no Brasil nos últimos quinze anos. “Eles se matam entre si”, dizem as fontes oficiais da polícia, “isso é coisa de bicha”. Que vem a ser exatamente a mesma explicação que amiúde se escuta sobre as guerras da África, “isso é coisa de negro”, ou sobre as matanças de indígenas na América, “isso é coisa de índio”.

“Isso é coisa de mulher”, diz-se também. O racismo e o machismo bebem nas mesmas fontes e cospem palavras parecidas. Segundo Eugenio Raúl Zaffaroni, o texto fundador do direito penal é El martillo de las brujas, um manual da Inquisição escrito contra a metade da humanidade e publicado em 1546. Os inquisidores dedicaram todo o manual, da primeira à última página, à justificação do castigo da mulher e à demonstração de sua inferioridade biológica. E já haviam sido as mulheres longamente maltratadas na Bíblia e na mitologia grega, desde os tempos em que a tolice de Eva fez com que Deus nos expulsasse do Paraíso e a imprudência de Pandora abriu a caixa que encheu o mundo de desgraças. “A cabeça da mulher é o homem”, explicava São Paulo aos coríntios, e dezenove séculos depois Gustave Le Bon, um dos fundadores da psicologia social, pôde concluir que uma mulher inteligente é algo tão raro quanto um gorila de duas cabeças. Charles Darwin reconhecia algumas virtudes femininas, como a intuição, mas eram “virtudes características das raças inferiores”.

Pontos de vista/5

Se os Evangelhos tivessem sido escritos pelas Santas Apóstolas, como seria a primeira noite da era cristã?

São José, contariam as Apóstolas, estava de mau humor. Era o único de cara fechada naquele presépio onde o Menino Jesus, recém-nascido, resplandecia em seu bercinho de palha. Todos sorriam: a Virgem Maria, os anjinhos, os pastores, as ovelhas, o boi, o asno, os magos vindos do Oriente e a estrela que os conduziu até Belém. Todos sorriam, menos um. E São José, sombrio, murmurou:

- Eu queria uma menina...

Desde os albores da conquista da América os homossexuais foram acusados de traição à condição masculina. O mais imperdoável dos agravos ao Senhor, que, como seu nome indica, é macho, era a efeminação daqueles índios “que para ser mulheres só lhes faltam as

tetas e parir”. Em nossos dias, acusam-se as lésbicas de traição à condição feminina, porque essas degeneradas não reproduzem a mão de obra. A mulher, nascida para fabricar filhos, despir bêbados ou vestir santos, tradicionalmente tem sido acusada de estupidez congênita, como os índios, como os negros. E como eles, tem sido condenada aos subúrbios da história. A história oficial das Américas só reserva um lugarzinho para as fiéis sombras dos figurões, para as mães abnegadas e as viúvas sofredoras: a bandeira, o bordado e o luto. Raramente são mencionadas as mulheres europeias que também foram protagonistas da conquista da América ou as nativas que empunharam a espada nas guerras de independência, mesmo que os historiadores machistas só concedessem aplausos às suas virtudes guerreiras. E muito menos se fala nas índias e nas negras que encabeçaram algumas das muitas rebeliões da era colonial. São invisíveis: só aparecem lá de vez em quando e isso procurando muito. Há pouco, lendo um livro sobre o Suriname, descobri Kaála, comandante de libertos, que com seu bastão sagrado conduzia os escravos fugitivos e que abandonou seu marido, por ser relapso no amor, matando-o de desgosto.

Pontos de vista/6

Se Eva tivesse escrito o Gênesis, como seria a primeira noite de amor do gênero humano?

Eva teria começado por esclarecer que não nasceu de nenhuma costela, não conheceu qualquer serpente, não ofereceu maçã a ninguém e tampouco Deus chegou a lhe dizer “parirás com dor e teu marido te dominará”. E que, enfim, todas essas histórias são mentiras descaradas que Adão contou aos jornalistas.

Como também ocorre com os índios e os negros, a mulher é inferior, mas ameaça. “É preferível a maldade do homem à bondade da mulher”, advertia o Eclesiástico (42,14). E Ulisses sabia muito bem que precisava prevenir-se do canto das sereias, que cativam e desgraçam os homens. Não há tradição cultural que não justifique o monopólio masculino das armas e da palavra, nem há tradição popular que não perpetue o desprestígio da mulher ou que não a aponte como um perigo. Ensinam os provérbios, transmitidos por herança, que a mulher e a mentira nasceram no mesmo dia e que palavra de mulher não vale um alfinete, e na mitologia rural latino-americana são quase sempre fantasmas de mulheres, as temíveis almas penadas, que por vingança assustam os viajantes nos caminhos. No sono e na vigília, manifesta-se o pânico masculino diante da possível invasão dos territórios proibidos do prazer e do poder. E assim sempre foi pelos séculos dos séculos.

Por algo foram as mulheres vítimas da caça às bruxas e não só nos tempos da Inquisição. Endemoniadas: espasmos e uivos, talvez orgasmos e, para agravar o escândalo, orgasmos múltiplos. Só a possessão de Satã podia explicar tanto fogo proibido, que com o fogo era castigado. Mandava Deus que fossem queimadas vivas as pecadoras que

ardiam. A inveja e o pânico diante do prazer feminino não tinham nada de novo. Um dos mitos mais antigos e universais, comum a muitas culturas de muitas épocas e de diversos lugares, é o mito da vulva dentada, o sexo da fêmea como uma boca cheia de dentes, insaciável boca de piranha que se alimenta da carne dos machos. E neste mundo de hoje, neste fim de século, há 120 milhões de mulheres mutiladas do clitóris.

Não há mulher que não seja suspeita de má conduta. Segundo os boleros, são todas ingratas; segundo os tangos, são todas putas (menos mamãe). Nos países do sul do mundo, uma de cada três mulheres casadas recebe pancadas como parte da rotina conjugal, o castigo pelo que fez e pelo que poderia fazer:

- Estamos dormindo - diz uma operária do bairro Casavalle, de Montevidéu. - Um príncipe te beija e te faz dormir. Quando despertas, o príncipe te baixa o pau.

E outra:

- Eu tenho o mesmo medo que minha mãe tinha, e minha mãe tinha o mesmo medo que minha avó tinha.

Confirmação do direito de propriedade: o macho proprietário garante a pancadas seu direito de propriedade sobre a fêmea, assim como macho e fêmea garantem a pancadas seu direito de propriedade sobre os filhos.

E os estupros, acaso não são ritos que, pela violência, celebram esse direito? O estuprador não procura, não encontra prazer: precisa submeter. O estupro grava a fogo uma marca de propriedade na anca da vítima e é a expressão mais brutal do caráter fálico do poder, desde sempre manifestado através da flecha, da espada, do fuzil, do canhão, do míssil e de outras ereções. Nos Estados Unidos, uma mulher é estuprada a cada seis minutos. No México, a cada nove minutos. Diz uma mulher mexicana:

- Não há diferença entre ser estuprada e ser atropelada por um caminhão, exceto que os homens, depois, perguntam se você gostou.

As estatísticas só registram os estupros denunciados, que na América Latina são em muito menor número do que os ocorridos. Em sua maioria, as mulheres estupradas calam por medo. Muitas meninas, estupradas em suas casas, vão parar na rua: fazem a vida, corpos baratos, e algumas, como os meninos de rua, têm sua casa no asfalto. Diz Lélia, quatorze anos, criada ao deus-dará nas ruas do Rio de Janeiro:

- Todos roubam. Eu roubo e me roubam.

Quando Lélia trabalha, vendendo seu corpo, pagam-lhe quase nada ou pagam batendo nela. E, quando rouba, os

policiais roubam dela o que ela rouba e ainda roubam seu corpo.

Diz Angélica, dezesseis anos, perdida nas ruas da cidade do México:

- Eu disse à minha mãe que meu irmão tinha abusado de mim e ela me expulsou de casa. Agora vivo com um guri e estou grávida. Ele disse que, se for menino, vai me apoiar. Se for menina, não diz nada.

“No mundo de hoje, nascer menina é um risco”, diz a diretora da UNICEF

E denuncia a violência e a discriminação que a mulher sofre, desde a infância, a despeito das conquistas dos movimentos feministas no mundo todo. Em 1995, em Pequim, a Conferência Internacional sobre os Direitos das Mulheres revelou que, no mundo atual, elas ganham a terça parte do que ganham os homens por trabalho igual. De cada dez pobres, sete são mulheres. De cada cem mulheres, apenas uma é proprietária de algo. Voa torta a humanidade, pássaro de uma asa só. Nos parlamentos, em média, há uma mulher para cada dez legisladores, e em alguns parlamentos não há nenhuma. Se reconhece à mulher certa utilidade em casa, na fábrica ou no escritório e até se admite que possa ser imprescindível na cama ou na cozinha, mas o espaço público é virtualmente monopolizado pelos machos, nascidos para as lidas do poder e da guerra. Carol Bellamy, que encabeça a agência UNICEF das Nações Unidas, é um caso raro. As Nações Unidas pregam o direito à igualdade, mas não o praticam: no mais alto nível, onde são tomadas as decisões, os homens ocupam oito de cada dez cargos no máximo organismo internacional.

A mamãe desprezada

As obras de arte da África negra, frutos da criação coletiva, obras de ninguém, obras de todos, raramente são exibidas em pé de igualdade com as obras dos artistas que se consideram dignos desse nome. Esses butins do saque colonial podem ser encontrados, por exceção, em alguns museus de arte da Europa e dos Estados Unidos e também em algumas coleções privadas, mas seu espaço natural é nos museus de antropologia. Reduzida à categoria de artesanato ou expressão folclórica, a arte africana só consegue ser digna de atenção alinhada entre outros costumes de povos exóticos.

O mundo chamado ocidental, acostumado a atuar como credor do resto do mundo, não tem maior interesse em reconhecer suas próprias dívidas. No entanto, qualquer um que tenha olhos para olhar e admirar, poderia muito bem perguntar: Que seria da arte do século XX sem a contribuição da arte negra? Sem a mamãe africana, que lhes deu de mamar, teriam existido as pinturas e as esculturas mais famosas de nosso tempo?

Numa obra publicada pelo Museu de Arte Moderna de Nova York William Rubin e outros estudiosos fizeram um revelador cotejo de imagens. Página a página, documentam a dívida da arte que chamamos arte com a arte dos povos chamados primitivos, que é fonte de inspiração e de plágio.

Os principais protagonistas da pintura e da escultura contemporâneas foram alimentados pela arte africana e alguns a copiaram sem ao menos dizer obrigado. O gênio mais alto da arte do século, Pablo Picasso, sempre trabalhou rodeado de máscaras e tapetes africanos, e essa influência aparece em muitas maravilhas que deixou. A obra que deu origem ao cubismo, Les demoiselles d'Avinyó (as senhoritas da rua das putas, em Barcelona), contém um dos numerosos exemplos. O rosto mais célebre do quadro, o que mais agride a simetria tradicional, é a reprodução exata de uma máscara do Congo exposta no Museu Real da África Central, na Bélgica, que representa um rosto deformado pela sífilis.

Algumas cabeças de Amedeo Modigliani são irmãs gêmeas de máscaras do Mali e da Nigéria. As guarnições de signos dos tapetes tradicionais do Mali serviram de modelo para os grafismos de Paul Klee. Algumas das talhas estilizadas do Congo e do Quênia, feitas muito antes do nascimento de Alberto Giacometti, poderiam passar por obras suas em qualquer museu do mundo e ninguém se daria conta. Poder-se-ia fazer um joguinho de diferenças - e seria muito difícil identificá-las - entre o óleo de Max Ernst, Cabeça de homem, e a escultura em madeira da Costa do Marfim Cabeça de um cavaleiro, que pertence a uma coleção particular de Nova York A Luz da lua numa rajada de vento, de Alexander Calder, traz um rosto que é clone de uma máscara luba do Congo, pertencente ao Museu de Seattle.

Criacionismo é fundamentalismo. O que é fundamentalismo?

Texto de: Antônio Flávio Pierucci

Nos apreensivos dias que passamos a viver após os atentados terroristas ao World Trade Center, ao lado da palavra terrorismo, que entendemos bem, comparece insistentemente nos noticiários da TV e nas páginas dos jornais esta outra - fundamentalismo - cujo significado muitos desconhecem e à primeira vista parece ligado diretamente ao islã. De 11 de setembro para cá, não há quem não tenha ouvido falar em fundamentalismo islâmico. O que é fundamentalismo, afinal? Tem a ver com religião? Qual religião?

O termo nasceu, sim, em contexto religioso. De fato, sua origem é cristã, não islâmica, e desde o início o nome foi usado para designar um movimento cristão: o fundamentalismo protestante. Tanto a coisa quanto o nome "fundamentalismo" surgiram e se firmaram nas primeiras décadas do século passado, nos Estados Unidos: 1910, 1914, 1919, 1920, 1925 são datas marcantes da primeira onda fundamentalista. Como figura histórica original, o fundamentalismo é cristão, ocidental e protestante. Mais especificamente, filho do protestantismo conservador do sul dos Estados Unidos. O estado do Tennessee é seu ícone geográfico.

Designação fortemente pejorativa hoje em dia, é curioso como a palavra inglesa *fundamentalism* foi, de início, um nome orgulhosamente auto-aplicado por seus próprios portadores para se distinguir dos protestantes "liberais", deturpadores da "verdadeira" fé cristã revelada na Bíblia. Uma autodesignação orgulhosa de si e não, como hoje soa, uma acusação que a faz sinônimo de morbidez fanática, um insulto dirigido a terceiros demarcando uma alteridade.

A profissão de fé fundamentalista, que emerge numa declaração da igreja presbiteriana em 1910, continha cinco pontos fundamentais: a veracidade absoluta da Bíblia; o nascimento virginal de Jesus; a ressurreição física de Jesus; a autenticidade de seus milagres, prova de sua divindade; a expiação dos pecados pelo sacrifício de Cristo tornando desnecessária a expiação pelas obras. Esses fundamentals of faith [ítems fundamentais da fé] foram explicados e divulgados em doze livrinhos de teologia, escritos entre 1910 e 1915, só que sem a designação de fundamentalismo, pois tal nome ainda não fora inventado. Quando o reverendo Curtis Lee Laws, editor do jornal batista *Watchman Examiner*, inventou o termo *fundamentalism* em 1920, o nome foi honrosamente incorporado por seus colegas batistas e presbiterianos como algo que traduzia bem o empenho deles de irem à luta "pelos fundamentos da fé" contra o protestantismo liberal.

Seu objetivo básico era defender o princípio da plena inspiração divina da Bíblia. Para os fundamentalistas, a Bíblia foi totalmente inspirada por Deus, tintim por tintim, em todas as particularidades e minudências. Por isso a Bíblia não erra, não pode errar: esta é a doutrina da "inerrância

bíblica", noutras palavras, da infalibilidade da letra das Escrituras, da autoridade inquestionável daquilo que está escrito na Bíblia, e do modo como está escrito. Se está escrito na Bíblia que Deus, para criar o homem, primeiro fez um boneco de barro e em seguida insuflou-lhe a vida, é porque foi assim mesmo que aconteceu e ponto final. Estando escrito no Livro sagrado, não há o que discutir: assim pensa o fundamentalista protestante (e, por extensão, o judeu fundamentalista em relação à Torá, o muçulmano fundamentalista em relação ao Alcorão, o católico fundamentalista em relação aos dogmas pontifícios e conciliares promulgados em latim). É como pensa todo e qualquer fundamentalista: a coisa - seja a narração de um fato ou a definição de um princípio - tem que constar de uma escritura divinamente calçada para assim poder servir de base segura nas dúvidas e controvérsias. A palavra escrita por inspiração divina, em vez de ser o ponto de partida para especulações intelectuais, discussões doutrinárias e controvérsias teológicas, deve ser tratada e reverenciada como o tira-dúvidas último, o tira-prosa nas discussões.

Para que haja fundamentalismo numa religião é necessário, portanto, que haja uma escritura divinamente revelada ou assistida, de preferência por um Deus único. Como atitude e estrutura de pensamento, o fundamentalismo é monoteísta de berço e constituição. Em seu DNA estão inscritos dois traços distintivos básicos: o apego literal à Bíblia e o monoteísmo. Sua preocupação primeira é com a verdade única revelada pelo Deus único no Livro sagrado.

Noutras palavras, fundamentalista é quem se apega à letra da palavra revelada como sendo a única verdade, quem nutre a convicção de que o texto escriturístico está livre de erros humanos, e só a interpretação literal tem cabimento e validade. Quer dizer que só pode ser fundamentalista quem erige na centralidade de sua fé a letra, a literalidade de uma Escritura Sagrada divinamente inspirada por um Deus único. Antes de ser fundamentalista é preciso ser monoteísta. O muçulmano pode ser fundamentalista, o judeu, o protestante, até mesmo o católico. Já o hindu ou o taoísta, dificilmente. Para o adepto do candomblé ou da umbanda, religiões sem livro sagrado, é impossível ser fundamentalista.

Fundamentalismos são fenômenos típicos das religiões monoteístas. Que são três, todas originárias do Oriente Médio, as chamadas religiões abraâmicas: judaísmo, cristianismo e islã. Não é por acaso que o islã as denomina, todas as três, "religiões do Livro". É por isso que, quando se deixa de lado como traço essencial do fundamentalismo o monoteísmo escriturístico - que supõe que a verdade, assim como a divindade, é uma só, a verdade é una, não havendo nem podendo haver outras verdades além dela -, deixa-se de compreender muito de sua força e de seu significado no mundo contemporâneo. Religiões politeístas e panteístas não podem ser fundamentalistas, não conseguem sê-lo. É por isso que toda vez que um jornalista ou comentarista fala em "fundamentalismo budista", por exemplo, dá para

perceber que a análise resulta forçada. Além de distorcer o objeto referido, o próprio termo sai enfraquecido dessa extensão, perde o gume, fica frouxo, evasivo, alusivo. Perde a utilidade, a meu ver.

O adversário interno ao campo protestante, contra o qual o fundamentalismo se insurgiu, eram os partidários da então chamada "teologia liberal", entusiastas dos métodos de crítica histórica e crítica literária para exegese e interpretação da Sagrada Escritura.

Já o adversário externo principal era a ciência moderna. Mais especificamente, a ciência biológica, na qual se condensa desde o final do século XIX a mentalidade científica. A atitude experimental diante do mundo natural e da vida, representada então pelo darwinismo (o evolucionismo biológico, segundo o qual o homem descende dos macacos por seleção natural), hoje é representada pelo empenho na clonagem animal. Não deixa de ser interessante observar como o fundamentalismo, por excelência um movimento do século XX, adentra com todo viço e vigor no século XXI, dotando de extrema visibilidade suas características de resistência e reação contra a cultura científica e a política secularizada produzidas e difundidas mundo afora pelo Ocidente moderno.

Dentre os cinco pontos "fundamentais da fé", o primeiro foi o que desde o início ganhou destaque máximo no ativismo dos fundamentalistas protestantes: a inerrância do livro revelado, com o foco dirigido para a narrativa bíblica da criação do homem. Esta se tornou uma espécie de obsessão dos fundamentalistas protestantes, que em contraposição aos "evolucionistas" passaram a se chamar de "criacionistas".

A oposição à teoria da evolução biológica tornou-se o tópico central da primeira onda fundamentalista. Uma espécie de febre que, por ironia da vida, acabaria contaminando seu próprio nome, carregando-o de conotações negativas. Depois do famoso julgamento de John Scopes, professor de biologia que em 1925 foi condenado pelo tribunal de Dayton, Tennessee, por ter violado uma lei estadual que proibia o ensino da teoria da evolução nas escolas públicas, o nome "fundamentalista" iria passar de lisonja a ofensa, um rótulo desagradável de levar. É que, alçada pelos jornalistas em item de ampla audiência na América dos anos 1920, a querela anti-evolucionista logo assumiu as dimensões de luta cultural "entre Deus e o macaco". Noutras palavras, entre a Bíblia e Darwin, a religião e a ciência, a ortodoxia bíblica e a biologia, o obscurantismo e a lucidez, o fanatismo e a inteligência, em suma, entre o pré-moderno (ou antimoderno) e o moderno. Nessas oposições binárias que pipocavam nos noticiários, o segundo termo passou a arrebatá-lo para si o sinal positivo. Foi uma interessante

reviravolta mediada pela mídia: perante a opinião pública, a agressiva militância fundamentalista acabou maculando seu nome com a pecha de intolerância-com-ignorância.

Isso explica um pouco por que hoje o jornalismo ocidental parece dispor apenas de nomes ofensivos para designar o radicalismo político-religioso dos movimentos islâmicos atuais. Se, para evitar dizer que são "tradicionalistas", "integristas", "rigoristas", "fanáticos", "exaltados", etc. se disser que são "fundamentalistas", isto implica aludir à sua intolerância intelectual e intransigência antimoderna. Implica apontar para sua recusa, não da modernização tecnológica, mas da modernidade cultural, sua rejeição da ciência, da razão, do espírito crítico, da história.

Um cristão fundamentalista, quando bebe diretamente no texto bíblico, pode de repente topar com a máxima "Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus" e encontrar nessas palavras de Jesus uma boa razão para separar a autoridade religiosa do governo. Hoje, no mundo muçulmano, os diversos grupos fundamentalistas são político-religiosos, não somente religiosos. São todos eles partidários de um retorno ao texto do Alcorão para aí, na fonte, beber os referenciais religiosos, morais, sociais e políticos do renascimento da "era muçulmana", do "islã como cultura total". Todos convergem na concepção de que a conquista do poder político é uma ferramenta indispensável para a implantação do "verdadeiro" islã, o islã total. Eis aí, nessa passagem ao político, nessa escolha da conquista do poder do Estado como escala obrigatória na rota de um projeto civilizador total, uma outra dimensão na qual o ativismo islâmico revigora seu coração justamente e, com isso, partilha esta característica própria do integrismo religioso: a de implementar a verdadeira religião em todas as esferas da vida.

Nesta ponta o fundamentalismo islâmico encontra seu lado inevitavelmente integrista. É que o ímpeto caracteristicamente fundamentalista de ir em busca das origens primeiríssimas, de revalorizar a letra do Alcorão e aí reencontrar a inspiração original, termina por jogá-lo de volta à idade de ouro, ao momento fundador triunfal da conquista militar de Meca, em 630. E aí, então, o que se redescobre para reavivar e reviver é um islã inseparavelmente religião-e-política, uma teocracia holista e monista: uma coletividade político-religiosa sob domínio da Lei, só que esta Lei é divina e imutável. Intocável. Durma-se com um barulho desses.

Antônio Flávio Pierucci é professor do Departamento de Sociologia da USP, especialista em sociologia da religião e teoria sociológica alemã.

Pela Redução do Jornal Policial

Nestes programas onde a barbárie ganha status de entretenimento, pautas conservadoras são apresentadas em nome da justiça e de valores cristãos.

Por Danilo Lima, colunista do Portal Áfricas

Os grandes veículos de comunicação no Brasil nunca estiveram de fato ao lado dos pobres, pretos e periféricos, mas pior que isso, é perceber que cada vez mais eles passam a agir diretamente contra essa parcela da população.

A “TV aberta” se tornou uma espécie de coliseu contemporâneo, onde a barbárie ganha status de entretenimento, onde o policial que mata um indivíduo desarmado é aplaudido, onde nossa juventude em vez de educada é criminalizada e onde é disseminada uma cultura de desinformação.

E são nesses canais de comunicação que os jornais policiais têm ganhado cada vez mais espaço. Isso em um país que não superou suas desigualdades sociais, mas cujo minuto do anúncio televisivo chega a atingir, sem muita dificuldade, a cifra de milhões de reais.

Se considerarmos somente os jornais de José Luiz Datena e Marcelo Rezende estaremos falando de cerca de 30 horas semanais no ar o que significa, portanto, um pesado investimento, por parte das emissoras de TV neste tipo de programa.

Pensemos, porém, que todo esse tempo que poderia ser usado com foco na informação qualificada sobre estatutos legais importantes como o Estatuto da Criança e do Adolescente LEI Nº 8.069/90, o Estatuto da Juventude LEI Nº 12.852/13, o Estatuto da Igualdade Racial LEI Nº 12.288/10, ou ainda para discutirmos direitos e cidadania. Mas em vez disso, tragicamente, é direcionado para o sensacionalismo, para a banalização dos direitos humanos e, para apologia à violência baseada em um moralismo conservador.

Note caro leitor: Tanto Datena quanto Rezende são representantes modelo de uma elite branca e conservadora encastelada nos condomínios de luxo em bairros “nobres” de SP.

Desta forma as pautas conservadoras se apresentam muitas vezes travestidas em valores cristãos, banalizando direitos, pedindo a morte como quem pedisse a justiça.

São frases como “Esse sujeito não tem Deus”, “A família é sagrada”, “As Leis são fracas”, “Tem que ter pena de morte”.

Mas ter ou não ter um Deus determina nossas atitudes? A família de quem é sagrada? As Leis são fracas pra quem? Para quem se está defendendo a pena de morte? Qual o perfil dessas pessoas? O gênero? A idade? Qual origem social e escolaridade? E, principalmente, qual a raça?

Não nos deixemos enganar nas respostas, pois a esmagadora maioria das vítimas de homicídio no Brasil são jovens negros e periféricos, 70%, na faixa etária de 18 a 29 anos, cujo principal motivo das mortes é a violência policial. São cerca de 50 mil mortos por ano, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

Contudo, a violência letal contra jovens brancos tem diminuído enquanto que a mesma violência contra jovens negros têm aumentado. Isto é, para a juventude negra a pena de morte já existe e é praticada de forma não oficial pelo Estado. Importa saber agora o quanto toda essa violência não está legitimada nesses discursos de ódio.

O racismo no Brasil possui a característica de se camuflar nas práticas sociais. Ou seja, embora as pessoas não se assumam racistas, suas práticas o são. Assim, o discurso de ódio veiculado por esses “jornalistas” Brasil afora tem sustentado uma onda de preconceitos que se volta diretamente contra os grupos sociais mais vulneráveis, principalmente, contra a população negra e periférica.

É preciso combater o racismo identificando como ele opera e principalmente operando contra as estruturas que o sustentam. Nesse sentido a luta contra a redução da maioridade penal é parte do enfrentamento ao racismo institucional à medida que se posiciona contra práticas racistas de incentivo à violência e ao encarceramento em massa presentes no discurso de certos apresentadores de TV.

Os Jornais Policiais desinformam e discriminam, reproduzindo falas intolerantes e extremistas, o que aprofunda a espantosa insensibilidade para com o extermínio de milhares de jovens negros(as) por ano no Brasil, o que prejudica a luta do movimento negro e conseqüentemente o avanço do acesso de negros e negras às oportunidades 120 anos após a dita abolição.

GLOSSÁRIO DE CONCEITOS

aculturação – processo resultante do contato mais ou menos direto e contínuo entre dois ou mais grupos sociais em que cada um desses grupos assimila, adota ou rejeita elementos da cultura do outro. Pode ser recíproco ou unilateral e eventualmente implicar subordinação política. Como conceito antropológico, teve grande aceitação na primeira metade do século XX: mais tarde foi duramente criticado.

Fonte: "Sociologia Hoje". Machado, Amorim e Barros. Ed Ática.

democracia racial - é um termo usado para descrever as relações raciais no Brasil. O termo denota a crença de que o Brasil escapou do racismo e da discriminação racial vista em outros países, mais especificamente, como nos Estados Unidos. Pesquisadores notam que a maioria dos brasileiros não se veem pelas lentes da discriminação racial, e não prejudicam ou promovem pessoas baseadas na raça. Graças a isso, enquanto a mobilidade social dos brasileiros pode ser reduzida por vários fatores, como sexo e classe social, a discriminação racial seria considerada irrelevante.

discriminação – é o ato de "fazer uma distinção". Existem diversos significados para a palavra... O significado mais comum, no entanto, tem a ver com a discriminação sociológica: a discriminação social, racial, religiosa, sexual, por idade ou nacionalidade, que podem levar à exclusão social.

discriminação positiva - é chamada 'discriminação positiva' (e a um conjunto delas 'políticas afirmativas'), a discriminação que visa beneficiar determinado grupo que sofre historicamente algum nível de discriminação social.

estereótipo - é a imagem preconcebida de determinada pessoa, coisa ou situação. São usados principalmente para definir e limitar pessoas ou grupo de pessoas na sociedade.

Conceito infundado sobre um determinado grupo social, atribuindo a todos os seres desse grupo uma característica, frequentemente depreciativa; modelo irrefletido, imagem preconcebida e sem fundamento. O Estereótipo também é muito usado em Humorismo como manifestação de racismo, homofobia, xenofobia, machismo e intolerância religiosa. É muito mais aceito quando manifestado desta forma, possuindo salvo-conduto e presunção de inocência para atingir seu objetivo.

estigma - Estigma social é uma forte desaprovação de características ou crenças pessoais que vão contra normas culturais. Estigmas sociais frequentemente levam à marginalização.

Exemplos de estigmas sociais históricos ou existentes podem ser deficiências físicas ou mentais, ilegitimidade, homossexualidade, filiação a uma nacionalidade, religião (ou falta de religião) ou etnicidade específicas, tais como ser judeu, negro ou cigano. Outrossim, a criminalidade carrega um forte estigma social.

intolerância religiosa - é um termo que descreve a atitude mental caracterizada pela falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar as diferenças ou crenças religiosas de terceiros. Poderá ter origem nas próprias crenças religiosas de alguém ou ser motivada pela intolerância contra as crenças e práticas religiosas de outrem. A intolerância religiosa pode resultar em perseguição religiosa e ambas têm sido comuns através da história. A maioria dos grupos religiosos já passou por tal situação numa época ou noutra.

preconceito - (prefixo pré- e conceito) - é um "juízo" preconcebido, manifestado geralmente na forma de uma atitude "discriminatória" perante pessoas, lugares ou tradições considerados diferentes ou "estranhos". Costuma indicar desconhecimento pejorativo de alguém, ou de um grupo social, ao que lhe é diferente. As formas mais comuns de preconceito são: social, "racial" e "sexual".

De modo geral, o ponto de partida do preconceito é uma generalização superficial, chamada "estereótipo". Exemplos: "todos os alemães são prepotentes", "os americanos formaram grandes grupos arrogantes", "todos os ingleses são frios". Observar características comuns a grupos

são consideradas preconceituosas quando entrarem para o campo da agressividade ou da discriminação, caso contrário reparar em características sociais, culturais ou mesmo de ordem física por si só não representam preconceito, elas podem estar denotando apenas costumes, modos de determinados grupos ou mesmo a aparência de povos de determinadas regiões, pura e simplesmente como forma ilustrativa ou educativa.

racismo - é a tendência do pensamento, ou o modo de pensar, em que se dá grande importância à noção da existência de raças humanas distintas e superiores umas às outras, normalmente relacionando características físicas hereditárias a determinados traços de caráter e inteligência ou manifestações culturais. O racismo não é uma teoria científica, mas um conjunto de opiniões pré concebidas que valorizam as diferenças biológicas entre os seres humanos, atribuindo superioridade a alguns de acordo com a matriz racial.

A crença da existência de raças superiores e inferiores foi utilizada muitas vezes para justificar a escravidão, o domínio de determinados povos por outros, e os genocídios que ocorreram durante toda a história da humanidade e ao complexo de inferioridade, se sentindo, muitos povos, como inferiores aos europeus.

O racismo tem assumido formas muito diferentes ao longo da história. Na antiguidade, as relações entre povos eram sempre de vencedor e cativo. Estas existiam independentemente da raça, pois muitas vezes povos de mesma matriz racial guerreavam entre si, e o perdedor passava a ser cativo do vencedor, neste caso o racismo se aproximava da xenofobia. Na Idade Média, desenvolveu-se o sentimento de superioridade xenofóbica de origem religiosa.

Quando houve os primeiros contatos entre conquistadores portugueses e africanos, no século XV, não houve atritos de origem racial. Os negros e outros povos da África entraram em acordos comerciais com os europeus, que incluíam o comércio de escravos que, naquela época, era uma forma aceita de aumentar o número de trabalhadores numa sociedade e não uma questão racial.

No entanto, quando os europeus, no século XIX, começaram a colonizar o Continente Negro e as Américas, encontraram justificações para impor aos povos colonizados as suas leis e formas de viver. Uma dessas justificações foi a ideia errônea de que os negros e os índios eram "raças" inferiores e passaram a aplicar a discriminação com base racial nas suas colônias, para assegurar determinados "direitos" aos colonos europeus. Àqueles que não se submetiam era aplicado o genocídio, que exacerbava os sentimentos racistas, tanto por parte dos vencedores, como dos submetidos, como os índios norte-americanos que chamavam os brancos de "Cara pálidas".

Os casos mais extremos foram a confinamento dos índios em reservas e a introdução de leis para instituir a discriminação, como foram os casos das leis de Jim Crow, nos Estados Unidos da América, e do Apartheid na África do Sul.

sexismo - é um termo que se refere ao conjunto de ações e ideias que privilegiam antes de determinado gênero (ou, por extensão, que privilegiam determinada orientação sexual) em detrimento dos antes de outro gênero (ou orientação sexual). Embora seja constantemente usado como sinônimo de machismo é na verdade um hiperônimo deste, já que é possível identificar diversas posturas e ideias sexistas.

Diferentes termos podem ser usados para nomear conjuntos de ideias e ações sexistas de acordo com o gênero afetado. O sexismo contra homens é chamado de misandria ou androfobia. O sexismo contra mulheres é comumente denominado de machismo, chauvinismo ou misoginia. As formas de sexismo contra LGTB podem ser genericamente nomeadas como homofobia.

xenofobia – é uma aversão ou medo de estrangeiros ou migrantes, podendo levar a uma política de agressão e morte.